



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

Regina Célia Borges da Silva

**AS ATITUDES DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL
NA PREVENÇÃO E NO COMBATE AO BULLYING EM SALA DE AULA**

Recife, 2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

Regina Célia Borges da Silva

**AS ATITUDES DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL
NA PREVENÇÃO E NO COMBATE AO BULLYING EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada a Escola de Conselhos de Pernambuco, como parte das exigências para avaliação da especialização na área da Infância e Adolescência Curso Especialização em Direito da Criança e do Adolescente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação.

Orientador: Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira

Recife, 2013

1. Bullying 2. Prevenção 3. Educação para paz
1. Ferreira, Hugo Monteiro, orientador II. Título

Recife, 2013

Departamento de Educação, Recife, 2013

Monografia (Especialização em Direitos da Criança e do Adolescente) – Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientador: Hugo Monteiro Ferreira

39 f. : il.

Regina Célia Borges da Silva - Recife, 2013

Prevenção e no combate ao bullying em sala de aula /
As atitudes dos professores do ensino fundamental na
Silva, Regina Célia Borges da

25885

Recife, 2013

Regina Célia Borges da Silva

**AS ATITUDES DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL
NA PREVENÇÃO E NO COMBATE AO BULLYING EM SALA DE AULA**

Aprovado em _____ de _____ de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Marcos Oliveira
Examinador

Dedicatória

Dedico este trabalho de pesquisa a todas as crianças e adolescentes principalmente ao meu sobrinho querido Gabriel ao qual serviu de inspiração para que eu me debruçasse neste tema, pois a meu ver este tipo de violência vai além do corpo físico fere a alma, mas deram a volta por cima de tudo superaram o sofrimento, com o apoio e orientação da família que nesses momentos fazem toda diferença.

Agradecimentos

A Deus pelos momentos de renovação das forças nos momentos difíceis aos quais pensava em desistir durante o curso e na elaboração deste trabalho.

Ao meu esposo quando depois de 22 anos ausente de sala de aula em 1999 me incentivou a retornar na época para 7ª série hoje oitavo ano e agora estou terminando a segunda especialização.

A minha filha Juliana que mesmo sem ter conhecimento do tema procurou me auxiliar nos momentos de tensão.

Ao amigo e companheiro de lutas em defesa da criança e do adolescente Maurinaldo por ter me possibilitado acesso a alguns instrumentos de pesquisa.

Ao meu orientador prof. Hugo Monteiro Ferreira, pela paciência e palavras de incentivo.

Ao Conselho Estadual por ter me proporcionado ser uma das alunas do primeiro curso de especialização a nível nacional de tão grande importância na área da defesa da criança e do adolescente.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso busca esclarecer o fenômeno bullying e suas implicações no contexto escolar. O objetivo deste trabalho é esclarecer como se manifestam essas agressões em sala de aula e quais as atitudes adotadas pelos professores como forma de prevenção e combate ao bullying que é uma triste realidade e acarreta inúmeros prejuízos a todos os envolvidos.

Defende também que a melhor forma de combater o bullying é prevenir através da conscientização, dos envolvidos sobre as consequências desse fenômeno e de uma educação para a paz, pautada no respeito, solidariedade, tolerância, cooperação, capacidade de se colocar no lugar do outro e diálogo como preparação para uma comunidade escolar humanizada.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizamos como metodologia a pesquisa qualitativa com levantamento bibliográfico e documental sobre o bullying.

Os procedimentos e técnicas utilizadas foram:

- Pesquisa bibliográfica: livros, revistas, artigos de periódicos e sites.
- Pesquisa documental: impressos e materiais audiovisuais.
- Pesquisa de campo: questionários.

Os teóricos pesquisados cujos trabalhos contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa foram: Araújo, 2008; Boff, 1999; Chalita, 2008; Fante, 2005 e 2008; Ferreira, 2010; Jares, 2007; Lubich, 2003; Maldonado, 2009; Melo, 2010; Serrano, 2002; Silva, 2010; Teixeira, 2011; Tognetta.

No desenvolvimento da pesquisa em sala de aula, tivemos a participação de profissionais da educação, sendo duas professoras e um professor, os mesmos foram indicados pela gestora da escola objeto da pesquisa.

Concluimos que o bullying está presente na maioria das escolas e a melhor forma de lidar com este fenômeno é a prevenção através principalmente da formação dos professores, gestores, funcionários e devemos envolver a família neste processo.

Não temos dúvida que não podemos atribuir aos professores a responsabilidade de prevenir e combater o bullying em sala de aula, mas sabemos que ele tem um papel fundamental para que o bullying não faça parte do cotidiano escolar.

O bullying deve ser discutido com os alunos dentro de sala de aula, através de metodologias que os coloquem no centro da aprendizagem, para que se concretizem ações de informação, contextualização, conscientização e imobilização.

Podemos afirmar que somente através da educação para a paz resgatando os valores podemos indicar um caminho a ser seguido: tolerância, solidariedade, reciprocidade, cooperação, força de vontade, autonomia, coerência, capacidade de se colocar no lugar do outro, de dialogar, de conversar, estes são os valores essenciais para a educação para a paz.

Palavras chaves: Bullying, prevenção e Educação para Paz

ABSTRACT

This course conclusion work seeks to clarify the phenomenon and its implications for bullying in the school context. The objective of this study is to clarify how these manifest aggression in the classroom and what the attitudes adopted by teachers as a way of preventing and combating bullying that is a sad reality and brings countless damage to all involved.

It also maintains that the best way to fight is to prevent bullying through awareness, concerned about the consequences of this phenomenon and an education for peace, based on respect, solidarity, tolerance, cooperation, ability to put yourself in another's place and dialogue in preparation for a school community humanized.

For the development of this research, we used qualitative research methodology to bibliographic and documentary about bullying.

The procedures and techniques used were:

- Research literature: books, magazines, journals and websites.
- Documentary research: printed and audiovisual materials.
- Field survey questionnaires.

Theorists surveyed whose work contributed to the development of this research were: Araújo, 2008; Boff, 1999; Chalita, 2008; Fante, 2005 and 2008; Ferreira, 2010; Jares, 2007; Lubich, 2003; Maldonado, 2009; Melo, 2010 ; Serrano, 2002; Silva, 2010; Teixeira, 2011; Tognetta.

In the development of research in the classroom, we had the participation of education professionals, two teachers and a teacher, they were appointed by the school management of the research object.

We conclude that bullying is present in most schools and how best to deal with this phenomenon is mainly through prevention training for teachers, administrators, and staff should involve the family in this process.

We have no doubt that we can not assign teachers the responsibility to prevent and combat bullying in the classroom, but we know he has a key role in that bullying is not part of the school routine.

Bullying should be discussed with the students inside the classroom, through methodologies that put them at the center of learning, to materialize actions of information, context, awareness and immobilization.

We can say that only through peace education redeeming values can indicate a way forward: tolerance, solidarity, reciprocity, cooperation, willingness, autonomy, consistency, ability to put yourself in another's place, to dialogue, to talk, these are the core values for education for peace.

Keywords: Bullying, Prevention and Education for Peace

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	11
2 – O BULLYING E SUA HISTÓRIA RECENTE.....	14
2.1 - Conceituando a palavra bullying.....	14
2.2 - Onde iniciou o estudo sobre o bullying.....	15
2.3 - No Brasil como estão os estudos sobre o bullying.....	17
2.4 - Bullying em Pernambuco.....	24
3 – BULLYING EM UMA ESCOLA DE IGARASSU PE.....	28
3.1 - Conhecendo a escola.....	28
3.2 - sujeitos que participaram da pesquisa sobre o bullying em sala de aula: quem são eles.....	29
3.3 – O que eles pensam sobre o bullying e quais são suas atitudes diante dessa situação.....	30
3.4 – Quais propostas que são apresentadas pelos professores para diminuir ou eliminar o bullying.....	30
4 – CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PARA A PAZ: A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS E CAMINHOS.....	32
4.1 - Construindo Conceitos.....	32
4.2 – A paz e o processo de humanização.....	32
4.3 – Educação para a paz, construindo atitudes.....	33
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38

1 - INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos difíceis e incertos, marcado por contrastes e desigualdades de recursos, oportunidades e direitos, onde poucos concentram muito e a grande maioria sofre escassez e exclusão. Essa dificuldade e complexidade afeta de maneira gritante o espaço escolar. A escola hoje mais do que nunca enfrenta uma grande diversidade entre alunos, choque de valores, mais conflitos...

Toda essa complexidade gera na comunidade escolar problemas que nem sempre são compreendidos. Portanto, a escola ainda não está preparada para conviver com a realidade da diferença, seja ela étnica, social, cultural, sexual e religiosa. Esses fatores se não respeitados segundo Melo pode gerar violência, para ele, essa pode se apresentar como: "criminosa, falta de disciplina ou através do fenômeno Bullying" (2010, p. 16).

O motivo que me levou a pesquisar sobre este tema, é porque tenho um sobrinho que aos sete anos foi vítima dessa violência durante dois anos consecutivos, em escolas diferentes e em estados diferentes. Parei para refletir: quais seriam os motivos que faziam com que as professoras não tomassem nenhuma atitude?

Diante do exposto, essa monografia refere-se à problemática: **As atitudes dos professores do ensino fundamental na prevenção e no combate ao bullying em sala de aula.**

Abordar essa temática é tratar de questões que propõem uma reflexão, para Chalita:

Aprendemos na escola as fórmulas para resolver os problemas matemáticos, porém não desenvolvemos habilidades pessoais e grupais para solucionar os dilemas existenciais. E nesse espaço formatado, por vezes rígido e inflexível, como evitar a violência? Como enfrentar as agressões e as humilhações? [...] CHALITA (2008, p. 191).

Essas premissas sinalizam a possibilidade de concretizar ações voltadas para uma educação que contribua para atitudes de prevenção e de combate ao bullying em sala de aula.

O nosso trabalho teve como objetivo geral:

- **Verificar quais as ações ou atitudes dos professores (as) diante a situação de bullying em sala de aula e de que forma contribuem para seu combate.**
- **Compreender como a educação para a Paz pode promover uma prática que vise à interiorização de condutas que contribua para o combate do bullying.**

Para melhor compreensão da intencionalidade deste estudo, estruturamos esta monografia da seguinte forma:

No primeiro capítulo segue a fundamentação teórica, onde os autores citados nas referências bibliográficas nos respaldaram em favor da elaboração das nossas ideias, já que deste modo procuramos através destes referenciais fazer análises que nos ajudam a compreender e entender mais profundamente como se dá o bullying.

No segundo capítulo realizamos as análises dos dados colhidos com os sujeitos da pesquisa para compreendemos quais são as atitudes dos professores (as) diante do bullying em sala de aula.

No terceiro capítulo apresentamos as reflexões trazidas por este trabalho propondo-se a fundamentar e articular pensamentos direcionados a educação para a paz como favorecimento das aprendizagens necessárias para a interiorização de condutas que contribua para o combate e minimização do bullying.

Portanto, as questões tratadas nesse capítulo buscam respostas que pudessem contribuir para a minimização da violência na nossa sociedade, mas, sobretudo em nossas escolas, já que são inúmeras as formas de violências que nossos alunos enfrentam e que na maioria das vezes sofrem calados.

O presente estudo teve como referenciais metodológicos, a pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica dessa monografia consistiu no estudo das teorias de Jaires (2007), Serrano (2002), Araújo e Luna (2008), Chalita (2008), Fante (2005), (2008) entre outros, possibilitando, assim, um conhecimento

teórico que serviu como alicerce para a fundamentação de conceitos que envolvam uma prática educativa voltada para educar para a paz, assim como também conhecer sobre o bullying.

As questões apresentadas nesta monografia justificam a relevância desse tema, tendo em vista que as ideias expostas neste trabalho procuram investigar o conceito principal da imagem que uma cultura de paz vivenciada em nossas escolas pode se constituir na prevenção e no combate ao bullying em sala de aula, já se cultivarmos a ideia de uma cultura de paz em nossa educação pode colaborar para a conquista da paz e da justiça em vários ambientes, partindo do espaço escolar em qualquer nível cultural e econômico. Nesse sentido, a escola, como promotora de uma cultura de paz, se torna imprescindível.

Serrano corrobora com essas ideias quando afirma que educar para a paz assume um significado particular na escola, pois não se trata somente de incrementar o currículo com uma nova matéria ele comenta e reforça seu pensamento citando Jaires que afirma:

A educação para a paz é uma dimensão contínua e permanente do sistema educacional, não a única, mais sim fundamental, insubstituível e urgente, que afeta a todos e a cada um dos elementos que compõem a estrutura escolar - desde a filosofia educacional, os valores e objetivos até a organização, os métodos de aprendizagem, as relações professor-aluno e comunidade educacional [...] e que tem como objetivo a formação de pessoas solidárias, críticas, pacíficas, felizes e ativas tanto no terreno escolar como o social. (SERRANO, 2002, P. 109).

2 – O BULLYING E SUA HISTÓRIA RECENTE

2.1 – CONCEITUANDO A PALAVRA BULLYING

A palavra bullying, de origem inglesa, é pouco conhecida, derivada do verbo bully que significa ameaçar, intimidar e dominar. A palavra bullying é adotada em muitos países, pois nenhum deles encontrou um termo em seus idiomas para definição que corresponda ao sentido da palavra bullying.

No Brasil, passamos a utilizar no nosso cotidiano a palavra bullying, sendo a mesma em função do seu emprego, incorporada ao cotidiano das pessoas mesmo sem que haja uma real compreensão do seu sentido, sendo mantida, porém a mesma grafia da língua inglesa. De acordo com o dicionário Aurélio (2010, p. 119), temos a seguinte definição: “Bullying: (búlin) [Ingl.] SM. Agressão, física ou verbal, feita, esp. em escolas, por indivíduo(s) a outro(s), mas tímido(s), mais novo(s), mais fraco(s), etc”.

O conceito de bullying deve ser bem compreendido como um comportamento ligado à agressividade física, verbal ou psicológica, exercida de maneira continua dentro do ambiente escolar, todavia é fundamental que tenhamos a exata compreensão do que esse termo representa não se deixando confundir com outras formas de violência. De acordo com Teixeira (2011, p.19) “o *bullying* pode ser definido como “atos de agressão física, verbal, moral ou psicológica, que ocorrem de modo repetitivo, sem motivação evidente...”

Segundo Silva (2010, p.111) “O *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto à *instituição escola*”; porém sabemos que este fenômeno pode ocorrer em qualquer contexto social e que uma brincadeira que no primeiro momento pode nos parecer inofensiva pode afetar emocionalmente o alvo da ofensa.

2.2 – Onde iniciou o estudo sobre o Bullying

O bullying passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70 na Noruega, logo a seguir outros países demonstraram interesse pelo fenômeno.

Na Noruega, o bullying era motivo de muita preocupação entre os pais e professores, o que não ocorria entre as autoridades educacionais, porém um fato dramático com três crianças com idades entre 10 e 14 anos cometeram suicídio, e após investigações foi constatado que a motivação foi maus tratos sofridos por eles por colegas de escola. Este fato fez com que o Ministério da Educação deste país realizasse uma campanha com a finalidade de combater o bullying escolar.

Dan Olweus, professor da universidade de Berguen, foi o precursor dos estudos sobre o bullying, ele realizou uma campanha nacional antibullying nas escolas Norueguesas reuniu aproximadamente 84 mil estudantes, quase quatrocentos professores e cerca de mil pais de alunos, com o objetivo de analisar as taxas de ocorrência e quais as formas que o bullying se apresentava no âmbito escolar.

Ao final da pesquisa de Dan Olweus chegou à conclusão que um em cada sete alunos já foram envolvidos em casos de bullying, ora como vítima, ora como agressor. Este resultado mobilizou a sociedade civil o que originou a campanha antibullying com o apoio do governo norueguês, em pouco tempo conseguiu reduzir em 50% os casos de bullying nas escolas norueguesas.

Outros países onde existiam casos de bullying aderiram à campanha: Inglaterra, Canadá, Portugal, Suécia, Finlândia, Estados Unidos, Holanda, Japão, Irlanda, Espanha e Austrália.

Nos Estados Unidos o índice de casos de bullying cresce assustadoramente por este motivo os estudiosos o classificam como conflito global.

Outros dados de relevância ao final da pesquisa é que 50% dos alunos entrevistados esperavam pela intervenção dos professores quando as agressões aconteciam na sala de aula, o que não ocorria. Admitem que não informavam sobre as agressões nem aos professores nem aos pais ou responsáveis.

Este último fato é de extrema relevância, o que leva as vítimas não confiarem em seus professores nem em seus pais ou responsáveis? Quais seriam seus temores?

Apesar do número maior de vítimas agressoras ser do sexo masculino, isso não significa que as meninas também não utilizem dessa prática, pois as mesmas quando as utilizam não são menos cruéis. Ao tratar da violência praticada pelas meninas, Chalita, nos traz o seguinte esclarecimento:

Uma professora norte americana Rachel Simmons, da Universidade de Oxford, por ter sido vítima de bullying na infância debruçou-se no tema realizando pesquisa e publicou um livro sobre agressões praticadas por meninas, ela revela que o bullying quando praticado pelas meninas segue regras e tabus sociais, pois elas são educadas para serem gentis e disfarçam seus sentimentos de raiva, são mais sutis.(CHALITA, 2008, p. 107)

De acordo com Chalita (2008, p.108) “[... o bullying não é uma brincadeira de mau gosto. Intencionalmente ou não, e sim um ato de perversidade...]”

Este fenômeno vem se espalhando como uma epidemia e não é um acontecimento local, mas universal. Lamentavelmente, como sempre acontece quando se trata de acontecimentos negativos, essa universalização do bullying vem tomando proporções que fogem ao controle da sociedade, sendo necessárias ações concretas visando impedir tais práticas principalmente no ambiente escolar.

A ação negativa que tal prática vem causando principalmente entre os estudantes fica bastante evidente ao observarmos a realidade das escolas principalmente às brasileiras, sendo um problema que não conhece idiomas, cor e muito menos fronteiras. Nesse sentido, Chalita é bastante preciso ao descrever um acontecimento em uma escola londrina, segundo ele:

No dia 27 de novembro de 2000, Damilola, um menino de 13 anos, foi esfaqueado na perna por colegas da escola primária Oliver Goldsmith, em Peckham, subúrbio do sul de Londres. Ele sangrou até morrer na escadaria do prédio onde morava porque a facada atingiu a artéria femoral. Foi encontrado por um pedreiro do prédio ao lado que, com ajuda de moradores, ainda tentou salvá-lo, mas não conseguiu. Por ironia, sua família deixara a Nigéria, em virtude da violência no país, apenas cinco meses antes da tragédia. Segundo a mãe, Gloria Taylor, o filho era hostilizado pelos colegas por causa da nacionalidade. Ela contou também

que, dias antes da morte, Damilola havia perguntado o que significa a palavra gay, pois era constantemente chamado assim pelos meninos. Naquela manhã, Gloria acompanhara o filho até a escola e conversara com o diretor que, segundo ela, não deu importância ao caso. Horas mais tarde, o caso “sem grande importância” transformava-se em uma tragédia. (CHALITA 2008, p. 144).

Como sempre acontece, inicialmente é comum não se dar a devida importância quando ocorrem agressões principalmente entre alunos, não só de ordem física, mas principalmente psicológica, costuma-se deixar no esquecimento alegando muitas vezes que é uma questão de socialização ou de autoafirmação dos estudantes envolvidos. Quando tais acontecimentos tomam proporções maiores, nem sempre é possível reverter ou evitar as consequências, que com um pouco de atenção certamente seriam evitadas.

2.3 – No Brasil, como estão os estudos sobre bullying.

Nossos estudos quando pesquisamos sobre a situação de bullying nas escolas brasileiras, mostra-nos que não há muitas diferenças em relação aos motivos que consolidam o bullying em outros países. Desse modo o bullying vem sendo objeto de estudos por vários seguimentos da sociedade. Entretanto sabemos que a existência do que se convencionou chamar de bullying é algo que sempre esteve presente na escola.

Não sendo um fenômeno recente, pois o que há de novo é a forma que o mesmo vem sendo estudado, agora no campo científico, tendo em vista a importância de tais comportamentos humanos, precisamos ter um novo olhar sobre comportamentos antigos, isto devido aos inúmeros casos desse tipo de violência que vem acontecendo sistematicamente nas escolas.

No Brasil, o estudo deste fenômeno e suas consequências é algo recente, o mesmo teve início no fim da década de 1990, e desde então muitos educadores tem se debruçado sobre este tema, entre eles podemos citar: Marta Canfield e seus colaboradores (1997) Israel Figueira e Carlos Neto (2000-2001), Cléo Fante (2002 e 2003) e outros.

Através dessas pesquisas e estudos passamos a perceber com mais clareza a real situação e os problemas causados a uma parcela considerável da família brasileira, cujos filhos se deparam diariamente com tais agressões, problemas que afetam a todos, independentemente de classe social. Graça a tais estudos e pesquisas, está sendo possível diagnosticar casos de bullying em vários estados brasileiros.

Os números tendem a aumentar gradativamente se não houver uma intervenção direta na origem do problema, acreditamos que os educadores são fundamentais nesse processo, pois de acordo com Chalita (2008, p.121) “[...é possível estimar que o bullying praticado por crianças e jovens já atinja 45% dos estudantes brasileiros de ensino fundamental.]”

O que Chalita vem nos apontar nos seus estudos é a grave situação dessa realidade nas escolas brasileiras, e certamente esse percentual deve ser ainda maior se levarmos em consideração a falta de estrutura física e de pessoal das mesmas. Ele ainda nos mostra que o aspecto físico e comportamental das vítimas é idêntico em qualquer parte do mundo. Sobre o referido estudo Chalita assim se refere:

O estudo permitiu, pela primeira vez, traçar o perfil das vítimas no Brasil. São normalmente, com algum aspecto físico ou comportamental marcante. Este perfil não é diferente das vítimas de outros países são na sua maioria tímidas, altos ou baixos, gordos ou magros com o biótipo diferente dos demais, etc. (CHALITA 2008, p.121).

Para Fante (2005, p.12), esse fenômeno comportamental vitimiza a criança envolvida em tenra idade escolar. Levando-se em consideração o aspecto de uma criança, principalmente as que se encontram na faixa que corresponde a primeira infância, há de se perceber o quanto elas necessitam de uma atenção especial, uma observação mais detalhada, pois no caso delas as consequências certamente são muito maiores.

Podemos observar que este tipo de violência vem atingindo alunos com a faixa etária cada vez menor, porém com menos incidência, o que não significa não merecer um olhar diferenciado, pois quanto mais cedo conscientizar e atuar na prevenção ao bullying os resultados serão satisfatórios.

Segundo Melo (2010, p.27) em 2006, “[... pesquisas realizadas em cinco países: Argentina, México, Brasil, Espanha e Chile. Nesse panorama, os alunos brasileiros, em comparação aos outros, são os que mais sofrem insultos..]”

A Organização Não Governamental (ONG) Plan Brasil realizou em 2009 uma pesquisa sobre o bullying escolar, que possibilitou conhecer as situações de maus tratos nas relações entre crianças e adolescentes nos ambientes escolares nas regiões brasileiras, teve como objetivo orientar os pais, gestores e docentes escolares e a sociedade como um todo, a reconhecer como ocorre o bullying suas formas e orientar como reduzir sua frequência e suas consequências.

A pesquisa destaca as regiões Sudeste e Centro Oeste do país onde a incidência de bullying é mais frequente com alunos na faixa etária dos 11 aos 15 anos de idade entre alunos da sexta série do ensino fundamental. Com esses dados, percebemos o quanto a incidência dessa prática em função da idade, é mais comum em determinada região do país, fica claro que quando se tem informações precisas a respeito da sua incidência, fica mais fácil atuar na prevenção.

Os motivos que os levam a praticar este tipo de violência não souberam responder, porém foi constatado que os agressores ou bullies como são chamados gostam de ser reconhecidos como líderes pelo seu grupo, as vítimas são consideradas por eles pessoas fracas, “diferentes” e “esquisitas” por isso mesmo são merecedoras desses maus tratos. Não conseguem distinguir maus tratos violentos e brincadeiras de mau gosto.

O que fica evidente diante do exposto é que para as pessoas que praticam tais atos violentos, a diferença é algo não aceito entre eles e que na verdade ser diferente é estar fora de um padrão estabelecido que possui regras próprias e que por isso mesmo, aqueles indivíduos cujo comportamento fogem desse padrão não devem ser aceitos naquele coletivo, cujo comportamento segue um padrão estabelecido entre ele.

Quanto ao processo de aprendizagem a pesquisa relata que tanto os agressores quanto as vítimas perdem o interesse pela escola e não se sentem motivados a frequentar às aulas.

Os gestores e professores admitiram esta cultura de violência entre os alunos e concordam que as escolas não estão preparadas para combater ou reduzir a ocorrência de bullying. Chega-se a conclusão que a gestão escolar, e todos os profissionais em educação precisam ser formados para através das informações recebidas, esse profissional possa se apoderar de conhecimentos de como identificar, para prevenir e transformar seus alunos em protagonistas no combate a este fenômeno que tantos males vem causando a sociedade como um todo.

As ações que as escolas vêm realizando objetivando combater tais práticas entre os alunos nas dependências das escolas, a nosso ver mostram o quanto estamos distantes de encarar o problema de frente, e estas são meros paliativos que visam muito mais terceirizar o problema do que resolve-los de fato. Além de serem medidas tradicionais tais como: suspensão, coação ou transferir a culpa para a família pela “indisciplina” dos filhos na escola.

Devemos considerar que todos os atores sociais são importantes nesse processo: família, docentes, discentes, equipe técnica e funcionários da escola todos devem estar envolvidos em ações com o objetivo de eliminar a violência no ambiente escolar.

Uma maior atenção aos grupos que se formam, quer seja no ambiente onde ocorrem as aulas ou fora destes, certamente muitos problemas seriam evitados. Não há dúvidas de que os espaços onde frequentemente acontecem os maus tratos são na sala de aula e no pátio do recreio, ou seja, locais de boa visibilidade nos quais o controle deveria ser mais eficiente.

A Pesquisa Plan Brasil nos mostra na verdade, informações por demais preocupantes, por outro lado ela também sinaliza claramente e em números, a situação atual e o tipo de violência praticado contra meninos e meninas. Com a pesquisa, observou-se que em 2009, 12% dos meninos pesquisados são vítimas com mais frequência, já entre as meninas este percentual é de 7,0%, podemos considerar que para os meninos o uso da força física é maior entre eles. Vejamos a tabela abaixo:

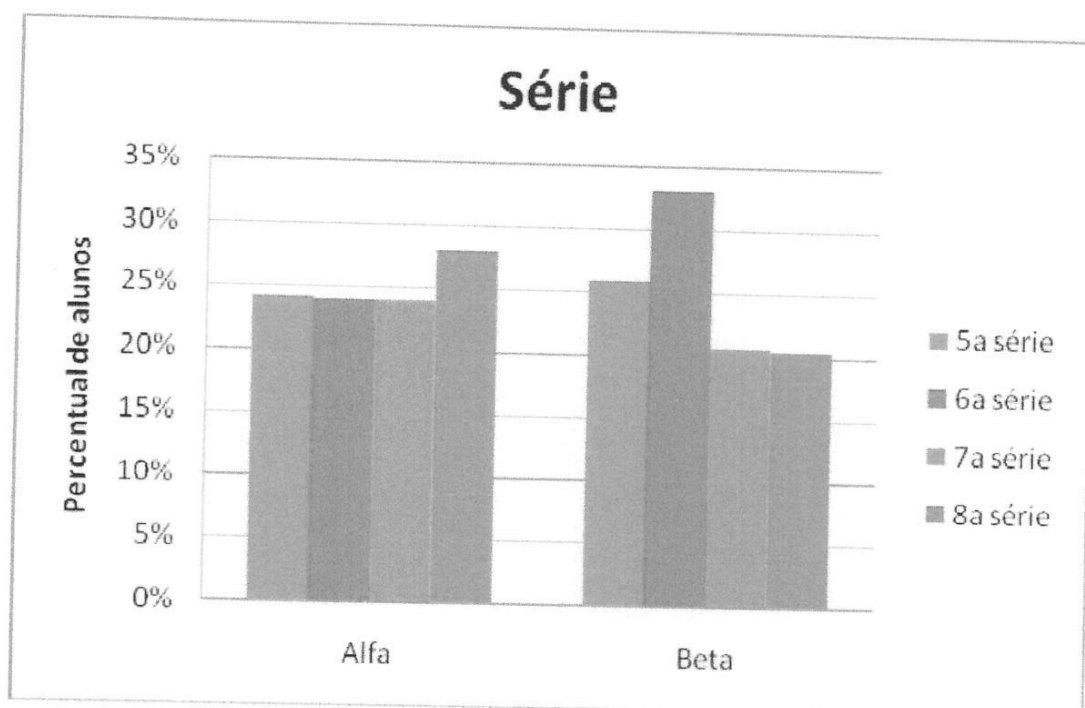
Tabela 1 – Percentual de meninos e meninas vítimas de maus tratos

Frequência dos maus tratos	Menino	Menina
Não fui maltratado	66,4%	75,5%
Fui 1 ou 2 vezes	20,2%	16,1%
Fui de 3 a 6 vezes	4,9%	2,8%
1 vez por sem	1,9%	0,8%
Várias vezes por sem	3,2%	2,3%
Todos os dias	2,0%	1,5%
Em branco	1,4%	1,0%
Total geral	100%	100%

Fonte: WWW.aprendersemdo.org.br

Os números contidos na tabela 1 nos apontam para uma realidade cada vez mais gritante, qual seja: a alta incidência de alunos que são vítimas de maus tratos, sofrendo diferentes tipos de agressões. Por outro lado, ela é um instrumento valioso que pode e deve ser usada para que os gestores das unidades escolares possam discutir com os profissionais da educação, meios de coibir a sua prática na escola e no seu entorno.

Tabela 2 – Percentual de meninos e meninas vítimas de maus tratos por série



Fonte: WWW.aprendersemedo.org.br

As conseqüências dos maus tratos sofridos são muitas: medo de ir à escola, dificuldade de concentração, baixo rendimento escolar, baixa estima, sempre é excluído dos trabalhos em grupo e das brincadeiras, xingamentos, difamação, apelidos, dificuldade no sono, sempre em relação desigual de poder, entre outros sintomas e o ponto extremo pode até levar a vítima cometer assassinato e suicídio.

Como podemos relatar o caso ocorrido no Rio de Janeiro em Realengo na escola municipal Tarso da Silveira, quando um jovem de 23 anos, Wellington Oliveira, invadiu a escola atirando sistematicamente contra crianças e adolescentes, resultando no quantitativo de 12 alunos mortos e 24 feridos. Este jovem quando foi aluno dessa escola, além de ser humilhado cotidianamente teve sua cabeça colocada dentro da bacia do banheiro, as violências que sofreu ficaram restritas aos alunos.

Segundo Fante (2005, p.25). Não queremos, com, isso, generalizar dizendo que todos aqueles que um dia foram vitimizados pelo bullying irão protagonizar tragédias ou massacres, mas queremos alertar para a gravidade desse fenômeno que tem grande poder desencadeador de transtorno psíquico e que pode se transformar em tragédia social.

No entanto, vale ressaltar que há outras formas de violências acontecendo em escolas de todo mundo, todos os dias sem que sejam devidamente observadas. Porém nosso trabalho irá se deterá no fenômeno bullying porque de um modo geral, professores (as) desconhecem a existência do mesmo, e isso acontece em razão de que os alvos não se manifestam nem procuram ajuda. Mas, há algo, além disso, que impede o conhecimento dessa realidade pelas autoridades da escola. É o que nos esclarece com propriedade Tognetta, cuja conclusão aponta para a desatenção que ocorre entre os profissionais da educação, preocupados muito mais com as indisciplinas do que com as consequências da violência. Nesse sentido, Tognetta a esse problema assim se refere:

Frequentemente, professores e educadores, em geral, não estão atentos a esse tipo de intimidação, já que não lhes atinge diretamente. Infelizmente, as atenções dos adultos que educam estão voltadas às formas de indisciplinas, ou mesmo aos constantes desinteresses dos educandos às matérias escolares. (TOGNETTA 2008, p. 203/204)

O IBGE apresenta informações inéditas sobre a saúde dos estudantes, a Pesquisa Nacional da Saúde Escolar (PENSE). A primeira na história do instituto IBGE onde os próprios entrevistados respondem o questionário diretamente no computador de mão, pois permite mais privacidade ao entrevistado para responder questões sobre: família, saúde, violência, uso de álcool e drogas e comportamento sexual.

Os dados sobre violência mostram que dos 618,5 mil estudantes de escolas particulares e públicas, que frequentam o 9º ano do ensino fundamental, nas capitais e Distrito Federal, na faixa etária entre 13 a 15 anos, mostram que quase um terço dos alunos 30,8% respondeu ter sofrido bullying alguma vez, cuja ocorrência maior, foi verificada entre alunos das escolas privadas, 35,9% do que entre os de escolas

públicas 29,5%, os meninos em maior proporção que as meninas, inclusive com armas brancas 6,1% dos estudantes ou armas de fogo, declarado por 4% deles.

A situação é tão preocupante que os casos se multiplicam com uma velocidade enorme, variando inclusive as formas de abordagem e de tratamento que muitos recebem na escola, desde a agressão física como também a psicológica. Nesse sentido, Silva narra um caso ocorrido em uma escola envolvendo uma menina, cujo conteúdo ela assim nos provoca:

Fernanda, desde muito nova, apresentava problemas com relação ao seu peso. No colégio, ela sempre recebia apelidos pejorativos do tipo "baleia", "balofa", "bola", "elefante". Tanto os meninos quanto as meninas a discriminavam por ser diferente do modelo "imposto" pelo grupo e evitavam um contato mais estreito. Sua autoestima já se encontrava bem abalada, em função das constantes humilhações, o que fazia travar verdadeiras batalhas contra a balança. Aos 14 anos, Fernanda não suportou a pressão e, para sua própria sobrevivência emocional, decidiu emagrecer a qualquer custo. Ela descobriu na internet sites de relacionamentos que ensinam fórmulas "mágicas" para perder peso rapidamente e tornar-se um "modelo" de beleza feminina. Grande cilada! SILVA (2010, p.38,39)

Sem que os pais percebessem, Fernanda passa a fazer dieta rigorosa, com jejuns prolongados. Quanto mais emagrecia, mais pensava em emagrecer de forma obsessiva. Aos 16 anos, a jovem se tornou uma escrava da magreza "ideal", inatingível e autodestrutiva. Ela sofria de anorexia nervosa e estava sem as condições mínimas necessárias para ser considerada uma pessoa saudável. Seu estado físico e mental exigia um tratamento clínico, com acompanhamento psiquiátrico, psicológico e nutricional.

2.4 - Bullying em Pernambuco

Segundo dados do IBGE (2010) a população do estado de Pernambuco é de 8.796.448 desses 2.215.324 estão em idade escolar.

Pesquisas realizadas em 2009 pelo Instituto Mauricio de Nassau e pela Confraria da educação com 1.198 estudantes que fizeram provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) na região Metropolitana do Recife, do total dos entrevistados, 89,2% defendem que quem pratica bullying deve sofrer alguma pena;

37,9% preferem punições educativas. Mas 30,2% mais severos acham que os agressores devem Ser expulsos da escola.

Em 22 de Dezembro de 2009, em Pernambuco foi sancionada a Lei de nº 13.995 que dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao bullying escolar no projeto político pedagógico das escolas públicas e privadas de educação básica do Estado de Pernambuco, esta lei prevê em seu artigo 3º parágrafo III - capacitação para os docentes, equipe pedagógica e servidores da escola, porém na maioria das escolas publicas ou privadas não é cumprido, o que se sabe é que em suas formações não são incluídas esta temática sobre o bullying, apesar de sua relevância na comunidade escolar.

A inexistência de dados concretos sobre esta problemática em Pernambuco dificultou um pouco nossa pesquisa. Porém podemos afirmar que de acordo com a pesquisa realizada em 2009 pela Plan Brasil onde nos relata que os professores, gestores, ou seja, profissionais de educação não recebem capacitação para saber como lidar com este problema do bullying, até hoje, apesar de ser um tema de muita relevância na comunidade escolar, estes profissionais continuam sem receber formações e muitos transferem a culpabilidade para a família ou delegam a justiça, ao conselho tutelar ou a policiais; não acreditamos que seja responsabilidade desses atores a intervenção, pois vemos este fenômeno como caso de educação e não como uma questão de justiça, devemos trabalhar na prevenção, envolvendo todos que já foram citados.

Na busca de solucionar os problemas provenientes dessa prática entre os alunos das escolas brasileiras, Fante nos mostra que o caminho para que tenhamos uma escola livre de tais problemas passa pela formação dos profissionais da educação, sobre esse tema ele nos esclarece:

[...] a prevenção ao bullying deve começar pela capacitação dos profissionais de educação, a fim de que saibam identificar, distinguir e diagnosticar o fenômeno, bem como conhecer as respectivas estratégias de intervenção e prevenção hoje disponíveis. FANTE (2005, p.92)

Compreender essa questão traz a necessidade de reconhecer a importância e comprometer o corpo docente e demais profissionais da educação, no enfrentamento ao bullying, a fim de que a escola assuma o papel que cabe a educação: modificar realidades pouco satisfatórias.

De acordo com Silva (2010, p. 162) A ação das escolas perante o assunto ainda está em fase embrionária. A maioria absoluta não está preparada para identificar e enfrentar a violência entre os alunos e o corpo acadêmico. Essa situação se deve a muito desconhecimento, muita omissão, muito comodismo e uma dose considerável de negação da existência do fenômeno.

Sendo assim, as escolas não só no estado de Pernambuco mais em todo território nacional precisam em primeiro lugar reconhecer a existência do bullying e se conscientizar dos prejuízos socioeducacionais que este fenômeno pode trazer para os seus alunos; elaborando estratégias preventivas e imediatas com o propósito de enfrentar a situação de bullying.

Este fenômeno ocorre em qualquer escola seja ela particular ou pública independente de suas características culturais, classe econômica ou social dos alunos.

Nas últimas décadas se acreditava que os valores humanos, a ética, a moral e a cidadania implícitos nos conteúdos das matérias através dos temas transversais seriam ideal para se educar sobre os valores.

De acordo com Fante (2010, p.93) [...] os problemas metodológicos que os professores enfrentam para trabalhá-los acabam inviabilizando a tarefa por não saberem como abordá-los no cotidiano, resultando na deficiência de modelos educativos capazes de sensibilizar, estimular e orientar as atitudes individuais ou coletivas dos alunos.

Não podemos deixar de destacar o fator de muita relevância: a dinâmica familiar quando exercida de forma autoritária, falta de afetividade entre os familiares, falta de regras claras podem reforçar atitudes de violências nos filhos.

De acordo com Chalita (2008, p.177) os autores de bullying são crianças e jovens que precisam mais de ajuda do que de punições, para que desse modo o ciclo de violência se quebre.

A Organização das Nações Unidas (ONU) afirma que a solidariedade e a tolerância são elementos de muita relevância para a construção da paz. Assim sendo como a violência é um comportamento que se aprende com relações interpessoais, devemos ensinar aos alunos como lidar com as frustrações e com a raiva para se evitar comportamentos violentos, a escola é o espaço onde deve ser estimulado atitudes que auxiliam a convivência pacífica e a valorizar atitudes que ajudem a construção de um mundo melhor.

3 – BULLYING EM UMA ESCOLA DE IGARASSU PE

3.1 – CONHECENDO A ESCOLA

O município de Igarassu encontra-se localizado na micro-região de Itamaracá, da meso-região do Recife e com acesso pelas rodovias BR – 101 Norte e PE-15.

A palavra Igarassu, que deu origem ao nome da cidade é oriunda do tupi e significa: Igara = Canoa; Assu = Grande. Os historiadores acreditam que o nome teria vindo da exclamação de surpresa dos índios ao avistarem as grandes caravelas portuguesas.

A Cidade, segundo a tradição, foi fundada em 27 de setembro de 1535, após a vitória dos portugueses sobre os índios Caetés e por ordem do Capitão Afonso Gonçalves – que mandou erigir no local da vitória uma capela votiva consagrada aos Santos Cosme e Damião – hoje considerada a mais antiga do Brasil.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal, localizada na área urbana da cidade de Igarassu, a mesma propicia aprendizagem a crianças que estão na faixa escolar que correspondem às cinco primeiras séries do ensino fundamental. Atualmente a unidade escolar conta com 225 alunos matriculados divididos em seis turmas em dois turnos matutino e vespertino

Com relação à estrutura física do prédio, o mesmo passou por reformas recente, Com relação ao quadro de funcionários, a mesma conta com sete professores (as), sendo uma na secretária atuando na área administrativa, quatro merendeiras, quatro auxiliar de serviços gerais, e a gestora. Quanto ao plano político pedagógico e regimento escolar não tivemos acesso, apesar das inúmeras solicitações. Dificultando sobremaneira o desenvolvimento de nossa pesquisa.

A escolha desta escola para a realização de nossa pesquisa resultou do conhecimento que temos sobre a realidade escolar do município de Igarassu, principalmente pelo fato de ter sido conselheira tutelar, função que exerci durante seis anos e atualmente componho a diretoria executiva do Conselho de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, conheço de perto os problemas e desafios que afetam a educação municipal e em particular da escola objeto desta pesquisa.

Em relação à estrutura física do prédio, o mesmo passou por reformas recente, sendo visível o seu bom estado de conservação, apesar das dificuldades por que vem passando a educação brasileira. Na entrada da mesma há um jardim, além de alguns jarros com plantas, no seu interior as paredes são pintadas e decoradas com personagens de histórias infantis, propiciando um ambiente acolhedor e ao mesmo tempo servindo de estímulo para que as crianças possam entrar no mundo da leitura.

Com relação aos equipamentos tecnológicos, a mesma está devidamente equipada com os mais diversos materiais, adequados para serem utilizados pela equipe docente, possibilitando dessa forma um maior dinamismo das atividades curriculares e como consequência uma maior interação e participação entre professor/alunos.

3.2 – Sujeitos que participaram da pesquisa sobre bullying: quem são eles?

Com o objetivo de melhor compreensão do objeto desta pesquisa, e ao mesmo tempo garantir o anonimato das pessoas envolvidas na mesma, chamaremos da seguinte forma os pesquisados que colaboraram com as informações aqui contidas: um professor que iremos denominá-lo de professor A e duas professoras que serão denominadas de professoras B e C.

O professor A, é concursado e está concluindo um curso de especialização, o mesmo desenvolve as suas aulas aos alunos da 4ª série do ensino fundamental. A professora B foi contratada pela secretaria de educação e está concluindo mestrado e também atua em outra turma da 4ª série e a professora C também concursada, porém em comparação com os demais professores tem mais tempo atuando na função docente, ela ensina na 3ª série.

Os professores A e B passaram por um período de formação sobre esta temática do bullying escolar através de vídeos e leitura do livro “Face Oculta” de Tereza Maldonado, antes mesmo de responderem o questionário. No entanto objetivando testar o nível de formação e informação da professora C, a mesma não participou deste processo de formação.

3.3 – O que eles pensam sobre o Bullying e quais são suas atitudes diante desta situação.

Basicamente os professores pesquisados foram bastantes objetivos dando respostas similares para o tema em questão, inclusive havendo concordância entre eles, principalmente no tocante ao que vem a ser o bullying. Nesse ponto todos concordam que bullying é essencialmente um conjunto de comportamentos agressivos de forma repetitiva em situação desigual de poder.

No entanto, o professor A alega que: “só consegue identificar quando seu aluno esta sendo vitima de bullying quando se estabelece um diálogo”, ou seja, se o aluno se pronunciar. No entanto sabemos que a maioria das vitimas não conseguem falar sobre o assunto, seja porque são ameaçadas ou por outros motivos, e nesse caso a observação é um meio indispensável para se evitar que uma criança sofra desse mau que tantos problemas vem causando a infância.

Por outro lado, as professoras B e C foram mais objetivas, respondendo que: “quando identificam situação de bullying na turma, rapidamente conversam sobre o assunto com os alunos e ao mesmo tempo procuram uma forma pedagógica para trabalhar a prevenção entre os alunos”. Preocupação que certamente deva fazer parte do cotidiano de todos, principalmente dos profissionais da educação.

3.4 – Quais são as propostas que são apresentadas pelos professores para diminuir ou eliminar o bullying em sala de aula

Segundo entendimento do professor A, “Os professores (as) devem obter esclarecimentos sobre a questão e ao mesmo tempo se informar melhor sobre o assunto através de leituras, reportagens, debates, filmes e outros meios para que ao se deparar com essa situação, saber exatamente como proceder”. Acreditamos que trazer a turma para a discussão do problema seja um dos caminhos para a resolução do problema.

Já a professora B nos informou que: “quando o professor, através da observação identificar que um aluno vem sofrendo bullying, deve-se permanecer atento para localizar o autor da violência”. Na impossibilidade de solucionar o

problema através do diálogo, vítima (s) e agressor (s), devem ser encaminhados para profissionais que saibam lidar com o problema, neste caso é de fundamental importância à ajuda da gestora da escola antes mesmo de encaminhar o caso para o conselho tutelar.

Por outro lado, a professora C respondeu que de acordo com o conhecimento que ela possui, deve-se tomar atitudes para que essa prática não se espalhe pela escola, ressaltou também que os professores devem saber utilizar o bullying como tema transversal, para através dos debates em sala de aula, poder conscientizar os alunos sobre o perigo que representa essa prática e que a mesma pode transformar-se em um grande prejuízo tanto para os alunos envolvidos como também para as suas famílias. Ao abordar sobre as dificuldades na resolução dos conflitos que ocorrem na escola, Fante nos chama a atenção para os vários aspectos que ocorrem dentro da sala de aula, segundo ele:

A intolerância, a ausência de parâmetros que orientem a convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar, atualmente a matéria mais difícil da escola não é a matemática ou a biologia; a convivência, para muitos alunos e de todas as séries, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida. (FANTE 2005, p. 91).

O que percebemos em verdade é que os professores que participaram do preenchimento do questionário na teoria demonstraram conhecimento sobre o tema em questão, todavia os mesmos não sabem o que fazer ao se deparar com o problema e muito menos que atitudes devam ser tomadas.

4 - CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO PARA A PAZ: A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS E CAMINHOS

4.1- CONSTRUINDO CONCEITOS

Segundo o dicionário Mini Aurélio (2011, p. 571) paz é: “sf. 1. Ausência de lutas, violências ou perturbações sociais, ou de conflitos entre pessoas. 2. Restabelecimentos de relações amigáveis entre países beligerantes. 3. Sossego, serenidade”.

Dos acontecimentos da atualidade podemos perceber que a história da humanidade caminha por uma incessante busca de paz. Chiara Lubich em seu discurso, pronunciado na Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura (UNESCO) em 17 de dezembro de 1996, por ocasião da entrega do prêmio Educação para a Paz, afirmou: “paradoxalmente, o mundo tende para a unidade e, portanto, para a paz”. É um sinal dos tempos”. (2003, p. 51).

Dessa afirmação, percebemos sem dúvida que a busca pela Paz é inerente ao ser humano. Então, podemos nos perguntar: como a Educação pode ser um instrumento a favor da Paz nas relações que se estabelecem no cotidiano?

Apenas uma reflexão séria e profunda sobre a paz, abrangendo os significados atribuídos aos seus valores pode indicar um caminho a ser seguido. Tolerância, solidariedade, reciprocidade, cooperação, força de vontade, autonomia, coerência, capacidade de se colocar no lugar do outro, de dialogar, de conversar são valores essenciais para se tecer a Educação para a Paz.

4.2 - A paz e o processo de humanização

A manutenção da paz, sem dúvida, é um caminho para o processo de humanização da humanidade, que deve sair do conceito e se tornar prática. Essas ideias nos vêm assim indicar caminhos para superar o grande desafio que hoje a educação e a sociedade em geral enfrentam. Para um mundo de paz Araújo e Luna (2008, p. 103) concluíram que:

Sendo a não violência a forma mais alta de moralidade, o melhor modo de vivê-la seria o de estabelecer relações autênticas e respeitadas, desenvolvendo a capacidade humana de amar, cultivando a atenção, amizade... Esta sensibilização foi orientada pela reflexão sobre a "arte de amar" na perspectiva da Espiritualidade de Comunhão, de Chiara Lubich. A Arte de Amar vivenciada na comunidade escolar criou um clima propício para o resgate de valores autenticamente humanos, como a fraternidade, o serviço, a solidariedade.

Como se vê, nossa maior capacitação e nosso compromisso em favor de uma sociedade pacífica é educar para a paz. A educação para a paz pode se tornar nosso maior remédio contra a violência. Segundo Jares (2007, p. 19) a educação para a paz é uma grande esperança dos tempos difíceis. Assim ele afirma: "nossa experiência, e a de milhões de educadoras e educadores em todo o mundo, comprovam que educar para a paz é possível, real e uma das grandes alternativas para superar os tempos difíceis"

Estudos mostram que na caminhada da humanidade encontramos inúmeras iniciativas, teorias e esforços que contribuíram e contribuem para uma manutenção da paz. Mas apesar dessas iniciativas, não valorizamos com tanta importância essas ações, podemos dizer que neste século globalizado, as práticas vindas do termo paz encontram-se vazias, já que ela é frequentemente entendida apenas como a não violência. Sendo assim, considerar uma Educação para a Paz como valor educativo que poderá contribuir para uma perspectiva da minimização do bullying requer dos educadores fomentar uma prática que seja capaz de compreender que aprender valores de paz, é formar qualidades e habilidades nas pessoas associadas a sua dimensão afetiva, intelectual e profissional.

4.3 - Educação para a paz, construindo atitudes

Portanto, falar sobre Educação para a paz como construtor de atitudes na prevenção e no combate ao bullying em sala de aula implica fazermos uma reflexão sobre o conceito de paz. Verificando os estudos sobre esse tema na história humana, encontramos muitos pensamentos que expressam esse conceito. Sendo assim, podemos dizer que a paz na história da humanidade tem dimensões e expressões próprias, percorre caminhos e constrói história.

Convém destacar que valorizar a ideia de educar para a paz como perspectiva como construtor de atitudes na prevenção e no combate ao bullying em sala de aula significa contribuir para que se atribua aprendizagens significativas entre “aprender a ser, aprender conviver, aprender a conhecer, aprender a fazer” propostas pela UNESCO (1996), que é a essência do ser humano.

A valorização dessa nova visão para a educação sem dúvida é de grande relevância já que põem em base o respeito à pessoa humana como valor fundamental a vida.

Para compreendemos melhor sobre o que vem a ser o conceito de uma educação para a paz começamos trazendo um conceito que é primordial para entendermos a relevância desse tema:

A paz não se deixa definir por simples conceitos, pois se situa no mundo dos valores, cuja captação passa mais pelo coração que pela cabeça, mais pela sensibilidade que pela racionalidade. (BOFF, 1999, p. 44)

Serrano descrevendo educação para a paz trata de uma educação que traz consigo uma cultura de sentido positivo e que está ausente da nossa sociedade por isso ele define a educação para a paz, como:

A educação para a paz apresenta-se a nós como uma educação em valores, mas em determinados valores: os que trazem consigo uma cultura da paz, entendida em sentido positivo. Cultura que hoje está ausente de nossa sociedade, razão pela qual a educação para a paz supõe educar para a mudança social; supõe, em expressão feliz, “educar para considerar a utopia como motor da história. (SERRANO, 2004, p. 92-93).

Outra referência do que vem a ser uma educação para a paz encontramos em Faria, que traz sua contribuição afirmando que essa educação é:

Uma educação para a uma cultura de paz é antes de tudo uma educação que vai ao encontro de características profundas que fazem parte da constituição do homem. Não se educa á solidariedade e á tolerância, porque são princípios bonitos, nobres, mas porque são necessários á constituição humana, á vivencia em sociedade. Precisamos difundi-la, mas, sobretudo, vive-la, pois só através de uma cultura de paz garantiremos um futuro justo, pacífico e viável para todos. (ARAÚJO, 2008, p. 87)

Podemos dizer que a paz em si, não é a grande transcendência do ser humano, mas sim, o caminho para relações humanas mais éticas, solidárias, questionadoras, críticas, criativas, amorosas, entre tantas outras possibilidades.

Sendo assim, o caminho na busca pela paz é que se constitui na transcendência. Uma Educação para a Paz, através da perspectiva de ir ao encontro de características profundas que fazem parte do ser humano é, em si mesmo, a grande mudança que se espera, para que junto dela os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento possam ser aprendidos, entendidos e utilizados para a preservação da vida e para o desenvolvimento humano sustentável.

Portando podemos começar e delinear uma conclusão Educar para a Paz se torna possível num ambiente sócio-moral cooperativo, em que o respeito mútuo é exercido não como produto do medo e da subserviência, mas como fruto da admiração pela dignidade, pela cultura, pela justiça com que o outro se conduz.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) abrange todo processo de formação do indivíduo, a mesma tem o dever de prepara-lo não só para o mercado de trabalho, mas principalmente para que o mesmo possa exercer a sua cidadania e ao mesmo tempo sabendo se posicionar diante das várias situações que ele se depara ao longo de sua existência. No entanto, autores como Gaudêncio Frigotto e Maris e Ramos colocam que a LDB atual aponta para a formação de "cidadãos produtivos".

No entanto, culturalmente, tem-se a concepção de que a escola é o lugar onde somente se adquire os conhecimentos elementares que podem ser medidos através de notas e testes, através das exigências, rigor e muitas vezes do falso moralismo imposto por muitos professores. Como se não bastasse, muitos educadores acreditam que ensinar os valores éticos e morais é função apenas da família.

Nesse jogo de empurra a criança cresce sem referencia, como se ela fosse o problema. A quem recorrer? Em quem confiar? O ideal seria que toda comunidade se empenhasse em prevenir este tipo de situação, não apenas em sala de aula, mas em todos os ambientes escolar.

Os pais cobram da escola, a escola responsabiliza os pais. É ingenuidade acreditar que um único segmento seja capaz de erradicar a violência. Sobre essa questão Chalita (2008, p. 195) assim se refere: *"Se a causa é a ausência de amizade, respeito e solidariedade entre as pessoas, então o primeiro passo é resgatar essa parceria"*.

Faz-se necessário educar para que possamos mudar essa triste realidade e ao mesmo tempo, termos a plena certeza de que os educadores exercem papel fundamental na quebra dessa realidade, que tantos males vem causando a infância e a adolescência. A sociedade precisa se empenhar para superar brutal exclusão social que marca o nosso tempo.

O bullying esta presente nas escolas e a melhor forma de lidar com esse fenômeno é através da prevenção, começando pela conscientização e preparação

de professores, funcionários, pais e alunos. Por um lado, é preciso apoiar as crianças vitimizadas e, por outro, é imprescindível fazer um trabalho especial com as pessoas propensas para cometer violência contra colegas, professores e funcionários.

É claro que não podemos atribuir exclusivamente ao professor a responsabilidade de prevenir e combater o bullying em sala de aula, mas sabemos que ele tem um papel fundamental para que o bullying não faça parte do cotidiano escolar. Neste contexto, para a escola é fundamental que haja suporte adequado, especialmente aqueles novos na profissão.

No Brasil já estão sendo realizados alguns projetos, como relata Fante (2005). A violência nas escolas já está sendo tratada como prioridade. Porém, ainda há pouca divulgação sobre o desenvolvimento desses programas educacionais que visam combater e prevenir o fenômeno bullying nas escolas brasileiras.

Prevenir o bullying exige um trabalho contínuo de toda equipe escolar em conjunto com a comunidade. O professor deve ser um aliado da família, e do aluno. O bullying deve ser discutido com os alunos dentro de sala de aula, através de metodologias que os coloquem no centro da aprendizagem, para que se concretizem as ações de informação, contextualização, conscientização e mobilização.

Infelizmente muitas crianças e adolescentes tiveram suas vidas transformadas negativamente através do sofrimento a qual foram submetidos. Muitos desistiram de lutar contra o bullying, e optaram por não mais fazer parte desta sociedade, tirando a própria vida. Mas também há muitos que passaram por essa situação e encontraram forças dentro de si para combater e superar todo sofrimento causado pelas agressões e hoje levam uma vida de sucessos como tão bem relata a escritora Ana Beatriz em seu livro *Mentes Perigosas nas Escolas: Bullying*.

6 – REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria de Lins e LUNA Maria Jose de Matos. **Educação para a Paz: A arte de amar**. Editora Universitária da UFPE, 2008.
- BOFF, Leonardo. **A Oração de São Francisco: Uma Mensagem da Paz para o Mundo atual**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: GMT editores Ltda, 1999.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1
Acesso em: 13/12/2012.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade: Bullying o sofrimento das vitimas e dos agressores**. 4ª Ed. São Paulo: Gente, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O dicionário da Língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira**. 8ª Ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno Bulliyng**. Programa Educar para Paz. São Paulo: ed. Verus, 2005.
- FANTE, Cleo e PEDRA José Augusto. **Bullying Escolar : perguntas e respostas**. Porto Alegre: artmed, 2008.
- JARES, Xesús R. **Educar para Paz: Em Tempos Díficeis**. São Paulo: Ed. Palas Athenas, 2007.
- Lei de nº 13.995** de 22 de dezembro de 2009. Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao bullying escolar em Pernambuco.

LUBICH, Chiara. **Ideal e Luz: pensamento: espiritualidade**, Mundo Unido. Vandeleene, M. (org.); MONTORO, A.M. (apres.); CASTELANO, J. e CODA, P. (ens.); IRAMI, B. S. (trad.); ALMEIDA, J. M. e AMARAL, I. (col.) São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2003.

MALDONADO, Maria Tereza. **A Face Oculta: Uma história de bullying e cyberbullying**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2009.

MELO, Josevaldo Araujo. **Bullying na Escola**. Recife: EDUPE, 2010.

PLAN. **Pesquisa: Bullying Escolar no Brasil**. Disponível em:
www.aprendersemmedo.org.br

SERRANO, Gloria Pérez. **Educação em valores: Como Educar para Democracia**. Tradução : Fátima Murad; 2ª Ed. Porto Alegre: artmed , 2002.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes Perigosas nas Escolas: Bullying**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2010.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual Antibullying**. Rio de Janeiro: Ed. BestSeller, 2011.